



Roberta Ribeiro Cassiano é professora de filosofia no IFRJ. É doutora, mestre, bacharel e licenciada em filosofia pela UERJ.

1) Por que você escolheu cursar Filosofia? E por que escolheu a UERJ?

Desde a infância, sempre fui apaixonada pela leitura. Carregava meus livros para onde ia, andava sempre atrás de novas histórias, textos, jornais, revistas, gibis, o que fosse. E esse interesse, que se deu antes mesmo que eu fosse formalmente alfabetizada, seguiu inabalável durante toda a minha trajetória escolar. Em função disso, eu acabei primeiro tendo clareza quanto ao fato de que optaria por um curso de graduação nas áreas de Humanidades.

Além disso, na adolescência, de forma muito natural, comecei a dar aulas particulares para amigos e conhecidos. Eu sentia enorme satisfação quando esse trabalho dava resultado e meus colegas conseguiam, de fato, melhorar seu rendimento e vinham confiantes me agradecer. A esta altura, passou a corroborar com minha paixão pelo hábito da leitura um desejo de transformar aquela brincadeira numa profissão.

Ao me inscrever no vestibular, no final do Ensino Médio, eu tinha os cursos de História, Direito e Filosofia como opções. Quando obtive a aprovação para o curso de Filosofia na UERJ, decidi me matricular, mas ainda não tinha certeza se prosseguiria até o fim. Nesse sentido, minhas escolhas pela Filosofia e pela UERJ vieram juntas. Foi o contato com os professores do departamento e com o que eles apresentaram já no primeiro período que me fez ter certeza de que eu estava no lugar certo e que deveria seguir esse caminho - o que de fato fiz.

Sempre conto a meus alunos(as) sobre a primeira aula de Filosofia que tive na UERJ com o professor James Arêas (*in memoriam*). Ele entrou na sala, nos encarou e disse: "Quem chegou aqui com a intenção de resolver algum problema ou encontrar alguma resposta, pode repensar sua decisão, porque na Filosofia vamos elaborar mais perguntas". O professor deixava claro ali o caráter de crítica radical da Filosofia e, diante disso, eu tive certeza de que estava no lugar certo.

2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Filosofia? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?

Eu comecei a graduação em 2007, aos 16 anos. Como era muito jovem, não tive nenhuma outra experiência profissional prévia ou paralela à graduação. Todo o desenvolvimento da minha carreira se deu na e a partir da UERJ.

EMAIL

roberta.cassiano@ifrj.edu.br

3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?

Quando entrei na graduação, minha mãe já era formada em Pedagogia e meu pai em Direito, assim como grande parte de minha família paterna. Minhas avós, seguindo o destino de muitas mulheres de sua geração, não tiveram acesso à universidade, pois precisavam assumir o trabalho do cuidado com os filhos, maridos e a casa. Elas faziam trabalhos informais relacionados à venda de comida para festas e à costura para auxiliar na renda familiar. Meu avô materno era motorista de ônibus e não chegou a completar o Ensino Fundamental, enquanto meu avô paterno, após chegar ao Rio de Janeiro vindo do Ceará num pau de arara na década de 1960, conseguiu emprego na área de hotelaria e posteriormente se engajou na luta sindical, a partir da qual sentiu a necessidade de buscar a formação em Direito.

Em nossa casa sempre houve essa expectativa de que eu seguisse o caminho de meu pai e avô, então a escolha pela Filosofia foi recebida inicialmente com grande surpresa, pois a família enxergava nesse caminho certa instabilidade quanto à atuação profissional.

Porém, logo após o início de minha graduação, foi promulgada em âmbito nacional a lei que instituiu a obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia nos três anos do Ensino Médio. Isto foi um marco decisivo para a consolidação de amplo mercado para a atuação profissional ligada a estas áreas e trouxe certa tranquilidade de que eu poderia me dedicar à carreira docente a partir de minha formação. Por isso acredito que o debate sobre o ensino de filosofia, suas características e possibilidades, segue uma tarefa fundamental para todos(as) que buscam o curso.

4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por quê?

A primeira coisa que me marcou nos estudos da filosofia foram os textos de Filosofia Antiga, especialmente os diálogos platônicos. Lembro-me de ter a impressão de que o que era apresentado por aqueles textos me forçaria a ver o mundo de outra forma completamente diferente. Estava ali em sua plenitude exposta a capacidade do trabalho filosófico de nos mostrar algo que parece muito simples, mas que jamais

conseguimos formular de maneira rigorosa sem o seu exercício.

O que começa a se dar é que realmente mudamos a nossa forma de pensar. A Filosofia é sobre isso. Sobre exercitar, aprender e aprofundar a tarefa do pensamento que é sempre infinita e que está em jogo na realização de atividades tão diversas quanto a arte, a ciência, a política, a religião. Essa característica intrínseca da Filosofia de ser essencialmente transdisciplinar, transgressora em relação a limites epistemológicos e ontológicos também foi algo que me chamou a atenção desde o início, pois acabávamos discutindo uma gama muito variada de assuntos e referências durante as disciplinas da graduação e da pós-graduação.

Num segundo momento, me marcou muito o estudo da Fenomenologia introduzido pelas aulas do meu orientador, professor Marco Antonio Casanova. Esta corrente da filosofia contemporânea até hoje embasa minhas pesquisas, minha atuação docente e minha produção acadêmica. A leitura de autores como Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir me propiciaram uma releitura da tradição filosófica do Ocidente a partir dos desafios específicos da contemporaneidade, o que considero fundamental para o trabalho filosófico criativo e original que é exigido diante de novos contextos e de questionamentos clássicos renovados e transformados pelas dinâmicas históricas.

Eu destacaria também as leituras de Nietzsche mediadas pela professora Rosa Dias, os debates sobre Aristóteles e Hannah Arendt apresentados nas aulas do professor Luiz Bernardo de Araujo, as discussões sobre filosofia e cinema que o professor James Arêas nos propunha em suas aulas e projetos de extensão, a reflexão coletiva e crítica sobre o ensino de filosofia desenvolvidas pelo Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia (LLPEFIL), coordenado pela professora Dirce Solis, e as indagações a respeito do Ser com as quais nos confrontava a professora Izabela Bocayúva. Cada qual com seu estilo, esses profissionais transformaram decisivamente minha forma de ver o mundo e de me comunicar com os outros, principalmente na atuação docente. Sem dúvidas, carrego comigo um pouco de cada um em tudo que realizo profissionalmente.

5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação? Que caminho escolheu e por que escolheu? Qual a relação com a graduação?

Minha trajetória profissional orbita em torno da atuação como professora e pesquisadora na área de Filosofia, atividade para a qual me preparei não apenas com a formação específica, mas também por meio do imprescindível trabalho dos profissionais ligados ao Departamento de Educação, nas disciplinas da licenciatura, e pelos estágios, especialmente aqueles desenvolvidos no Cap-UERJ.

A primeira experiência que tive foi justamente nos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC) da UERJ, por meio do qual pude começar a compreender como funciona, quais são as etapas e as possibilidades do desenvolvimento de projetos de pesquisa relacionados à literatura filosófica. Essa experiência foi fundamental durante minha graduação e me fez compreender a área para além da perspectiva de aluna. Ali desenvolvi aprendizados que foram cruciais, por exemplo, no desenvolvimento da minha dissertação de mestrado sobre o problema da verdade no *Ser e Tempo* de Heidegger (2012) e minha tese de doutorado sobre a Fenomenologia Feminista (2023).

Além disso, como professora de filosofia, trabalhei com públicos, níveis de ensino e formas de educação muito diversas.

A primeira experiência nesse sentido se deu entre 2011 e 2014 quando atuei como professora formadora e tutora no curso à distância de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Lavras (UFLA), em Minas Gerais. Além de ter tido ali a oportunidade de aprofundar e rever diversos conteúdos da graduação, curiosamente eu adquiri um repertório técnico, tecnológico e pedagógico que veio a ser fundamental para o desenvolvimento do trabalho docente em meio à pandemia de Covid-19.

Depois disso, entre 2014 e 2017, compus o quadro de servidores da Secretaria do Estado de Educação (SEEDUC) do Rio de Janeiro, atuando no Colégio Estadual Leopoldina da Silveira em Bangu. Ali se deu minha primeira experiência no ensino de filosofia no Ensino Médio, que é bem diferente do trabalho com a graduação. As inquietações e a energia dos jovens muitas vezes faziam das experiências em sala verdadeiros laboratórios onde conseguimos transpor os conceitos e

questões tradicionais da Filosofia para nossa realidade mais próxima e cotidiana.

Em 2016, quando ainda trabalhava na SEEDUC, tive uma experiência decisiva como professora voluntária de filosofia no Prepara NEM, um projeto de educação popular voltado para pessoas LGBTQIA+ (especialmente a população trans) em situação de vulnerabilidade social. Sempre digo que considero essa passagem de minha vida uma parte fundamental de minha formação como professora. Este projeto foi indicado para o Prêmio Faz a Diferença (O Globo e FIRJAN) na categoria "Educação" em 2016 e reforçou de maneira decisiva em mim a crença no potencial transformador da educação, de forma geral, e da própria Filosofia.

Em 2017, fui aprovada no concurso para Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) na área de Filosofia e desde então trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) onde dou aulas de diversas áreas da Filosofia (Filosofia da Ciência, Teoria do Conhecimento, Filosofia da Educação, Estética, Filosofia Política, Filosofia Antiga, Ética, dentre outras) para turmas do ensino médio integrado aos cursos técnicos de Química e Controle Ambiental e do Ensino de Jovens e Adultos integrado ao curso técnico em Manutenção e Suporte de Informática, além de trabalhar com as turmas de graduação em Produção Cultural (Bacharelado), Química, Física e Matemática (Licenciaturas). Nessa instituição, além do ensino de Filosofia, também desenvolvo projetos de pesquisa e extensão e coordeno há seis anos o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do campus onde sou lotada.

Em paralelo à atuação docente, sempre estive envolvida com o trabalho editorial, atividade que até hoje desempenho com muita satisfação. Ainda durante a graduação, colaborei com a criação e consolidação da *Revista Ensaios Filosóficos*, ligada ao PPGFIL-UERJ, onde, por exemplo, tive a alegria de publicar a tradução (com Rafael Medina e a supervisão da professora Dirce Solis) do artigo "Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana", do professor Mogobe Ramose. Esse texto, que foi escrito a partir de uma solicitação pessoal que encaminhei ao professor da Universidade da África do Sul, segue um marco no debate sobre filosofias não-ocidentais no Brasil e frequentemente compõe bibliografias de concursos públicos não só na Filosofia, mas em outras áreas do conhecimento.

Trabalhei ainda durante um tempo junto ao corpo editorial da *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e*

Fenomenologia, também ligada ao PPGFIL-UERJ, publicação que hoje ocupa um lugar de destaque junto às pesquisadoras e pesquisadores destas correntes internacionalmente e, mais recentemente, criei com outras ativistas e pesquisadoras a *Revista Brejeiras*, que embora não seja uma publicação científica, tem desempenhado um papel relevante na luta pelos direitos humanos de mulheres lésbicas em nosso país, o que foi reconhecido pelo recebimento da “Homenagem Carolina Maria de Jesus” (Comissão de Direitos Humanos da ALERJ, 2019) e do prêmio “Cidadania, Direito e Respeito à Diversidade” (ALERJ, 2019), além de outras moções de aplauso das Câmaras de Vereadores do Rio de Janeiro e de Niterói.

Todos esses caminhos foram abertos pelos ensinamentos e pelo amadurecimento político e intelectual que a graduação em Filosofia na UERJ me trouxe. E digo isto não apenas pelo aspecto conteudista, mas pela possibilidade de conviver por tanto tempo numa universidade plural, pioneira na implementação de políticas afirmativas como as cotas raciais e sociais, pelo compromisso institucional e público da UERJ com o desenvolvimento do conhecimento atento às urgências do povo fluminense e brasileiro e à função social da própria universidade.

6) Houve algum episódio na graduação que você destacaria como marcante para a forma como enxerga e atua no mundo? Por quê?

De algum modo, todos os episódios foram decisivos. As aulas e leituras, mas também as amizades, os eventos acadêmicos ligados à pesquisa e extensão, os encontros, as discussões políticas no Centro Acadêmico, as experiências de greve dos servidores na luta por seus direitos e por uma educação pública e gratuita de excelência. Todos esses episódios me ajudaram decisivamente a compreender meu lugar no mundo e me prepararam para assumir algumas tarefas nesse contexto.

Hoje sigo comprometida com a luta pelo direito ao ensino de Filosofia, mas também pela proliferação no Brasil de filosofias da diferença, feministas, não-ocidentais, que possam dar voz à população e questões que por muito tempo foram negligenciadas ou mesmo violentamente caladas. Eu enxergo e penso o mundo como uma mulher lésbica, filósofa, professora da educação pública brasileira e tudo isso é inseparável do meu trabalho e também da minha personalidade.

E, além de ter me formado decisivamente, a graduação me trouxe a oportunidade de trabalhar com pessoas de trajetórias, contextos, necessidades e visões de mundo tão diversas que me transformo e refaço constantemente, buscando sempre priorizar a coletividade e o compromisso ético que deve caminhar de mãos dadas com a busca pelo conhecimento.

7) E daqui para a frente? Quais seus principais projetos profissionais?

Pretendo agora me aprofundar na pesquisa sobre a filosofia feminista e, mais especificamente, a fenomenologia feminista, corrente da filosofia contemporânea que foi tema de minha tese de doutorado, defendida em março de 2023. Espero contribuir com a proliferação de publicações e cursos a respeito desta intersecção, pois acredito que isso renove de possibilidades tanto a pesquisa fenomenológica como os estudos e a militância feministas, compromissos que tenho tentado conciliar.

Espero também seguir no desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão que aproximem o conhecimento e a literatura filosófica dos interesses e urgências dos estudantes com quem compartilho essa jornada, hoje no IFRJ. Almejo contribuir com a instituição também no desenvolvimento das funções de gestão e administração que são fundamentais para que tenhamos uma educação pública, gratuita, democrática e de excelência para todes, todas e todos.

Desejo seguir fomentando o interesse pela filosofia em pessoas que atuarão em áreas diferentes da minha, tanto pela docência como pela divulgação científica, pois acredito de fato na capacidade da Filosofia de nos atingir e provocar naquilo que é mais essencial, nos levando a reformular e aprofundar nossas reflexões sobre o mundo de uma forma ampla e rigorosa, transformando nossas disposições, afetos e perspectivas, independentemente do trabalho que teremos a oportunidade de desempenhar.

Entrevista concedida em 30 de maio de 2023.